
A máquina automotiva em suas partes

Sirlei Márcia de Oliveira*

PINTO, Geraldo Augusto. *A máquina automotiva em suas partes: um estudo das estratégias do capital na indústria de autopeças*. São Paulo: Boitempo, 2011.

Palavras-chave: Capital; Indústria; Autopeças.

Keywords: Capital; Industry; Auto Parts.

O livro *A máquina automotiva em suas partes: um estudo das estratégias do capital na indústria de autopeças* apresenta importante contribuição e incontestável referência para os estudos desenvolvidos em relação às estratégias do capitalismo na fase atual de organização da indústria automotiva, em particular do caso brasileiro à luz das transformações impostas no panorama global. Resultado do trabalho teórico-conceitual desenvolvido a partir do estudo de caso em uma empresa de autopeças na região de campinas, esta produção configura-se como instigante e criativa, principalmente pela abordagem desenvolvida na análise a respeito da *ocidentalização da flexibilidade oriental* do trabalho exposta no capítulo central da obra.

Este livro é uma versão revisada da tese de doutorado desenvolvida recentemente pelo autor junto ao Instituto de Filosofia e Ciência Humanas (IFCH) da Unicamp, representando ainda o resultado de outros estudos correlatos que o autor vem desenvolvendo ao longo da sua trajetória intelectual. Segundo o próprio autor, sua contribuição caracteriza-se por um “estudo de caso empírico em profundidade, a fim de analisarmos as conexões, interfaces, correlações e determinações entre diversos fenômenos da reestruturação produtiva” (p. 13).

Nesse sentido, além de um aporte referencial para os futuros estudos a serem produzidos sobre o setor automotivo no Brasil, esta obra prima pela riqueza do material empírico e pelo ponto de vista da análise, calcados em entrevistas realizadas com atores diretamente vinculados à indústria de autopeças de Campinas. O estudo tem como foco principal “analisar, dentro do cotidiano de uma planta filial de um grupo transnacional [...] as relações entre os novos perfis de qualificação exigidos aos trabalhadores e as suas condições de trabalho, em meio à celularização da produção, às novas formas de controle surgidas com

* Doutora em Sociologia pela USP, técnica do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, Diretora Adjunta da Escola DIEESE de Ciências do Trabalho.

a reorganização das hierarquias de cargos e salários (pp. 13-14)”, dando “voz aos sujeitos diretamente envolvidos nas condições de trabalho observadas” (p. 14).

Ainda segundo o próprio autor, o “resultado geral [...] é que a reestruturação produtiva é mais que uma crise do sistema taylorista/fordista de gestão do trabalho e das relações entre as empresas ao longo das cadeias produtivas, em face do avanço dos sistemas ‘flexíveis’ como o toyotista. Ela envolve um conjunto complexo de reações estratégicas diante de uma crise do próprio sistema de acumulação do capital, por meio de uma atuação hegemônica [...] das corporações privadas junto aos trabalhadores e suas organizações representativas, bem como junto aos Estados nacionais” (p. 15).

O livro é apresentado em seis capítulos. O primeiro é dedicado à análise e sistematização teórico-conceitual do processo de reestruturação produtiva ocorrido na indústria automotiva. O estudo parte da caracterização do período inicial de hegemonia do capitalismo, calcado no consumo de massa nos Estados Unidos (1940), e destaca os principais elementos das mudanças na forma de atuação da indústria, com enfoque nas montadoras e fabricantes de autopeças, a partir da “contraproposta à ‘rigidez’ típica do taylorismo/fordismo” originada no Japão nas décadas de 1950 e 1970 e rotulada de “Sistema Toyota de Produção”. Segundo o autor, este sistema “implica uma horizontalização da estrutura produtiva das empresas, junto a uma reorganização interna dos processos de trabalho onde, ao lado da automação e da implantação do ‘just in time/kanban’, reformula-se a hierarquia dos cargos e salários, alterando-se desde as funções até o conteúdo das atividades desempenhadas pelos trabalhadores, gerando-se polivalência, a organização de ‘times’, os Círculos de Controle de Qualidade (CCQs), entre outros elementos, como o Controle Estatístico do Processo (CEP) (p. 19). Ao mesmo tempo em que descreve estas mudanças, o autor tece análise quanto às implicações e impactos sobre os trabalhadores e sindicatos.

Permeando momentos políticos, econômicos e financeiros do Brasil, traça-se o panorama da reestruturação produtiva a partir da “década perdida” de 1980, bem como do período de abertura do mercado nacional à entrada de produtos importados dos anos 1990. A abordagem de Pinto acentua a heterogeneidade entre as empresas e internamente a elas, demonstrando que “a redução na hierarquia de cargos e salários, a polivalência, o trabalho organizado na forma de ‘times de trabalhadores’ e a automação microeletrônica podem ser perfeitamente combinados a equipamentos rústicos e formas tayloristas/fordistas de gestão [...] cuja complexidade permita empregar trabalhadores em condições de trabalho, níveis salariais e qualificação precárias” (pp. 25-26).

O segundo capítulo apresenta o histórico da implantação destas indústrias, em particular na região de Campinas, com ênfase no setor de autopeças, entre os anos 1940 e o período mais recente a partir da década de 1990.

O capítulo relata o processo de descentralização geográfica da cadeia automotiva brasileira, que favoreceu o transplante e a instalação de novas unidades produtivas em Campinas, beneficiada por investimentos públicos, pela infraestrutura em transporte, serviços e instituições de ensino e pesquisa instaladas na região (p. 30). Relata ainda o

processo de desverticalização por meio da terceirização e da adoção de elementos da chamada reestruturação com vistas à flexibilidade dos processos produtivos, de trabalho e de relação entre as empresas, destacando-se o fornecimento *just in time* e da padronização e certificação da qualidade.

O terceiro capítulo dedica-se à análise do fenômeno intitulado pelo autor de “ocidentalização da flexibilização oriental”, por meio de uma abordagem que identifica e correlaciona o uso de relações de fornecimento denominadas *global sourcing* e *follow sourcing* enquanto formas moderna de atuação presente na empresa analisada. Segundo o autor “[...] a planta de Campinas, mediante a focalização estratégica posta pela matriz, decide o que é arriscado ou não terceirizar, combinando na escolha de seus fornecedores as táticas do *global sourcing* e *follow sourcing*. [...] toda terceirização condiciona-se pela capacidade tecnológica da empresa terceira e pelo uso de sua força de trabalho.” (p. 39). Deste modo, conclui que, diferentemente das montadoras, a indústria de autopeças precisa aliar flexibilidade produtiva com capacidade tecnológica, capacidades essas que nenhuma outra empresa consegue atingir, mesmo que essas exigências sejam determinações da empresa matriz e das próprias montadoras.

Intermeado por declarações dos entrevistados relativas à reestruturação produtiva, às relações de mercado, de trabalho e com os trabalhadores subordinados, o estudo leva o autor a inferir que, a partir do caso analisado, “[...] sem dúvida a construção desse processo – sua reestruturação produtiva - em última instância tem como fatores ‘determinantes’ uma série de condições sociais, econômicas e políticas mais amplas e complexas, posta pela realidade do Brasil e dos demais países periféricos, na relação que assumem com as potências do centro do capitalismo. Não se pode, portanto, predizer o resultado desses processos; sobretudo, invocando a aparente universalidade das teorias com as quais os intelectuais das classes proprietárias definem os seus interesses” (p. 51).

O capítulo quarto sistematiza as estratégias das corporações transnacionais da indústria automotiva, traçando um quadro que esclarece como o setor tem atuado em termos global por meio de ações que, fundamentalmente, buscam a total concentração de propriedade, de poder tecnológico, e do domínio de mercado em nível mundial. Para atingir estes objetivos a indústria automotiva, guiada pelos interesses dos grandes grupos (EUA, Europa – França, Itália e Alemanha – e Japão), alia interesses próprios com os interesses dos Estados (de acordo com o processo de desenvolvimento de cada nação) e da classe trabalhadora.

Neste contexto, o Neoliberalismo periférico contribuiu para a hegemonia do capital transnacional – destaca-se que as grandes empresas de autopeças brasileiras se renderam a alianças, ou foram adquiridas, pelo capital estrangeiro.

No caso estudado pelo autor evidencia-se o controle central determinado pela empresa matriz posto que, “apesar da autonomia local de que dispõem as plantas, permanecem umbilicalmente ligadas ao controle vertical do grupo transnacional, passando seus assalariados pelo crivo de contratações, treinamentos e reuniões minuciosamente preparadas pelos centros de decisões” (p. 80). As decisões da matriz definem cada passo

dado pelas equipes de trabalho nas diferentes áreas de atuação – vendas, engenharia e desenvolvimento, qualidade, melhoria contínua e produção –, em qualquer filial, a exemplo da planta de Campinas. Essas determinações são identificadas nos interesses, nas estratégias e nas ações que cada planta desenvolve, reafirmando desta forma que as corporações privadas nacionais e transnacionais desenvolvem suas diretrizes na relação com os demais atores sociais envolvidos – por um lado pelos governos locais no âmbito de cada Estado, e por outro pela classe trabalhadora – de acordo com seus interesses e com o momento histórico.

Os capítulos cinco e seis da obra analisam o estudo de caso da planta de Campinas, abordando o momento de reestruturação – com a empresa buscando a polivalência do trabalho e a montagem do que o autor chama de “o time dos sonhos”. Isto porque a empresa implanta uma reestruturação na forma de gestão e de reorganização do trabalho, permanecendo apenas quem de fato atua a partir da “corresponsabilização” entre gerência e operariado na realização dos interesses da empresa, conforme exemplificado por um dos entrevistados: “O conceito nosso de líder é o conceito mais básico do trabalhador multifuncional: porque um líder, obrigatoriamente, tem de saber operar todas as máquinas de um setor. É uma obrigatoriedade dele. Por quê? Porque [se] um funcionário ficou doente, precisou sair da célula, teve algum problema, o líder sabe que ele pode sentar aquela máquina e fazer todo o trabalho normalmente. É esse o conceito que nos norteia”(Gerente de Recursos Humanos) (p. 92). Para dar conta dessa estratégia a empresa investiu fortemente nas mudanças na hierarquia de cargos e salários e na celularização dos processos produtivos, aprimorando os sistemas de controle de qualidade, de segurança e de saúde do trabalhador, com vistas à ampliação da produtividade e de padronização dos processos produtivos.

Ainda nos capítulo cinco e seis o autor desenvolve os temas relacionados aos efeitos da reestruturação a partir das novas formas de organização do trabalho e das modernas técnicas de gestão do trabalho sobre o trabalhador, com ênfase nos impactos sobre a saúde do trabalhador. As mudanças adotadas na planta partiram do enxugamento do número de trabalhadores e a conseqüente redução dos níveis hierárquicos, da intensificação do trabalho, da polivalência e da ampliação do número de horas extras realizadas pelas equipes de trabalho. Estas mudanças tiveram forte impacto sobre as condições de trabalho e à saúde dos trabalhadores, ainda que tenham sido aplicados vultosos volumes de recursos em ergonomia do trabalho para minimizar os efeitos das mudanças impostas.

Segundo o autor, as mudanças colocam os trabalhadores em situação de vulnerabilidade, criando dois núcleos: um grupo constituído por uma parcela de trabalhadores extremamente qualificados, que passam por planejamentos minuciosos de treinamento e investimentos na carreira por meio de planos de cargos e de reconhecimento profissional, visando garantir o comprometimento deste grupo com a “missão” e os “valores” da empresa, com o cumprimento das metas, polivalentes e assíduos; e outro grupo de trabalhadores que, embora compromissados com a missão e os valores da empresa e do capital, desenvolvem atividades repetitivas, rotinizadas e desqualificantes e que, de maneira

geral, são submetidos a condições de trabalho insalubres, com ritmos intensos e grande pressão decorrente das exigências quanto às metas a serem atingidas. Essas condições de trabalho têm levado à ampliação do número de lesões e adoecimento dos trabalhadores.

O autor conclui problematizando a realidade vivida pelos trabalhadores na empresa em estudo, salientando que não se pode explicar o adoecimento e os acidentes de trabalho só pela intensificação e condições gerais de trabalho, sendo necessário considerar ainda fatores subjetivos que determinam a sociabilização e as relações entre os trabalhadores, determinadas pela lógica capitalista e pelas relações existentes entre as empresas no mercado, o Estado e a sociedade civil. Para o autor “[...] assistimos a um avanço das leis de mercado no interior das relações sociais entre os trabalhadores nas empresas, bem como nas relações entre o Estado e a sociedade civil, o que evidencia uma complementariedade objetiva e subjetiva entre a economia, a reestruturação produtiva e a política do neoliberalismo [...], [que] expressa o caráter contraditório da acumulação do capital, na medida em que constringe e degenera as relações sociais entre os seres humanos [...]” (p. 163).

A leitura desta obra nos apresenta inquestionável contribuição quanto à compreensão e reflexão dos efeitos das estratégias de atuação das empresas globais, nas últimas décadas, a partir das estratégias de atuação do capital tendo como referência a indústria de autopeças. A conclusão sacramenta o paradoxo: de um lado os interesses capitalistas investindo e ampliando a capacidade produtiva de suas empresas e dos grupos econômicos via modernas técnicas de gestão e reorganização do trabalho e da produção; de outro lado os trabalhadores que, ao se submeterem a essas estratégias, adoecem cada vez mais, evidenciando a grande fragilidade dos trabalhadores frente a essas mudanças.

Recebido em 19/06/2012

Aceito para publicação em 21/06/2012